RESENHA

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Corre-gira*: filosofia a golpes de macumba. Rio de Janeiro: Mórula, 2026.

Victor Maia

Filósofo e psicanalista (EBEP-Rio), pós-doutor em filosofia contemporânea pela UERJ e pela UFRJ.

Ô, como é bonito o pisar dos caboclos
Eles pisam na areia no rastro do outro
(Ponto de caboclo)

A editora Mórula publicou no primeiro semestre de 2026 o mais recente livro do filósofo popular brasileiro Rafael Haddock-Lobo, *Corre-gira: filosofia a golpes de macumba*. Com orelhas assinadas por Luiz Rufino, abertura da gira por Luiz Antonio Simas e encerramento da gira por Helena Theodoro, o livro se amarra em oito ensaios cujos títulos já nos deixam entrever a aposta de Rafael num pensamento radicalmente brasileiro: "Por que uma filosofia popular brasileira?", "Correndo gira", "Por uma filosofia das matas", "Fragmentos de políticas macumbeiras", "Os gêneros das ruas", "Maria Navalha, um 'trabalho' de campo", "Encruzilhadas filosóficas" e "A epistemolo*gira* Dos Santos".

Logo no início do livro, uma nota com a silhueta de uma quase-advertência diz que o autor pretende entrar na gira da qual fazem parte seus parceiros de escrita e composição, Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino. O que já nos informa um gesto ético de reconhecer quem veio antes de nós, de pedir passagem e entrar na gira. Mas esta é também uma obra que presta uma merecida homenagem à filósofa Dona Helena Theodoro, a quem Rafael reconhece como a *primeira filósofa popular brasileira* a derrubar os muros da embranquecida academia filosófica brasileira e abrir os caminhos para um pensamento filosófico popular com sotaques não europeus. Filósofo generoso, Rafael risca o ponto, entra na gira e nos convoca a deixar a gira girar. Para a grande

festa que organiza ao longo das páginas de *Corre-gira*, convida Maria Navalha, Zé Pelintra, Marcelo Moraes, Jacques Derrida, Oxóssi, Martin Heidegger, Oxum, Iemanjá, caboclos, Hegel, seu Tranca-Ruas, Joãozinho da Gomeia, Lélia Gonzalez, Nego Bispo, Madame Satã, Guimarães Rosa, Nietzsche, entre muitos outros, para um ebó epistemológico que aponta para o mitológico, ou melhor, para o encantado por detrás de toda racionalidade.

Sim, sim. *Corre-gira* é um duplo sim ao giro de uma *gira macumbística da filosofia brasileira*, que não pode ter senão as feições do feminino. "A gira, *o feminino do giro*, sua feição mulher que, não apenas gira como o giro no sentido de mudar, desviar, promover deslocamentos, mas que também gira como a festa, a roda, o encontro que abre os caminhos e que é marcado pelo termo quimbundo *njira*" (p. 37). Em vez de perguntar simplesmente pelas condições de possibilidade de uma razão encantada, o que Rafael faz é indagar pelas condições de *cruzo* a partir das quais é possível despachar o *carrego colonial*, timpanizar nossa escuta para as diferentes práticas e saberes, firmar os pés no chão e entrar *no jogo da invenção da língua e da cultura*, que servem de flecha contra a soberana razão do europeísmo e permitem inventar caminhos novos, singulares e únicos de existência e convívio.

Não se trata de negar a filosofia de ascendência europeia, mas de encantar a razão moderna, "para que conhecimentos se cruzem, sejam engolidos e depois regurgitados, cuspidos como a baforada de cachaça na encruza" (p. 42). Depois do diagnóstico de Max Weber sobre o desencantamento do mundo, será ainda possível produzir encantamento, sobretudo nas periferias das grandes cidades? Ora, o desencantamento do mundo é um regime ético-político. Havia certa precariedade na análise de Weber, que não soube ver, ou não quis ver, o desencantamento do mundo como um projeto europeu bastante restrito, projeto de uma certa Europa com pretensões à universalidade.

Como bem diz Rafael, "uma filosofia que possa ser considerada verdadeiramente brasileira e popular deve partir da própria experimentação, com seu próprio sotaque, e afirmar a regionalidade contra a universalidade. Não para uma exaltação de si em detrimento do outro, mas, ao contrário, como uma *presentação* de si que na verdade é um convite para que outras vozes, outros sotaques, outras experiências também entrem em cena" (p. 89).

Quem estiver procurando um livro de filosofia nos moldes europeus, portanto, talvez não encontre apoio nestas paragens. Por outro lado, quem estiver simplesmente à

procura de um livro de macumba também não terá todos os desejos satisfeitos em *Corre-gira*. Isso porque, como diz Luiz Rufino, o que Rafael faz aqui é tomar a "filosofia como macumbaria, jogar na caldeira, tacar fogo e fazer um pó feiticeiro que ele sopra, junto com as almas que lhe acompanham nessa jornada, nos quatro cantos dos salões do saber". Ou, como Simas ensaia, Rafael "investiga os reencantos, azeita os caminhos, reverencia o Senhor da alegria rara e propõe a fundação dos próprios modos de se pensar o Brasil" (p. 16).

Mas, de algum modo, *Corre-gira* é também a pedra lançada hoje que acertou o pássaro avistado em 2016, no texto de Rafael Haddock-Lobo publicado no site da ANPOF, "Filosofia brasileira, uma questão?". Um gesto ético-político, mas também epistemológico e estético, que fez ecoar o imperativo de Mãe Concheta de "deixar vir quem tem de vir", denunciou a violência de uma *mitologia branca* que nos impede de enxergar aquilo que temos de mais próprio e, desde então, nos permitiu pensar uma filosofia popular de sotaque brasileiro.

Além disso, a festa para a qual Rafael nos convida não tem a ver com a simples comemoração nem com o ideal burguês da felicidade. Sua noção de festa provém da concepção popular, segundo a qual festa é alimento do espírito e preservação da memória. Festa é uma tecnologia ancestral de reorganização e reconstituição ontológica do próprio eu. Suas gramáticas (as do tambor, da comida, do corpo, da dança, da produção de memória) não pressupõem a clássica correspondência entre o significante e o significado. Pelas vias do sincretismo, as "culturas vão se encruzilhando de formas complexas", diz Simas. Nas fogueiras que cultuam São João, "eventualmente baixa um falangueiro de Xangô para dançar ao redor do fogo" (p. 16). Essa concepção de festa *gira*, então, em torno da ideia de alegria como abertura que vem do corpo e não tem objeto: Exu nos quer alegres.

Como Rafael nos convoca a pensar, uma das possíveis proveniências da palavra *gira* é caminho. Tem a ver com método e finalidade. Mas não é o ponto a que se quer chegar que importa, e sim aonde esse caminho nos leva. Somos levados pelo caminho. O caboclo nos ensina que não há caminho para caminhar, "ele precisa, a cada vez, de modo singular e único, inventar um novo caminho" (p. 57). Lembrando da figura do caminhante antigo, mas também de Dona Ivone Lara, Rafael nos diz como é preciso pensar a partir do chão, segundo uma epistemologia dos *pés descalços* e segundo uma ética que nos convida a *pisar devagarinho*. Se para os gregos o caminho é método e finalidade, se Descartes se coloca em busca do caminho reto e único, importa para

Rafael *o caminho que se cruza*. Isso supõe sempre o encontro, a generosidade no contato com a alteridade. Somar nossos passos com quem veio antes de nós, abrir novos caminhos e trincheiras, pisar bonito, como o caboclo, *no rastro do outro*.

Nesse sentido, nosso Prometeu tijucano não se propõe aqui a roubar o fogo dos Orixás para nos oferecê-lo na forma de novas verdades, métodos e caminhos prontos a seguir. Trata-se antes de propor novos cruzamentos, que não tenham necessariamente a ver com a razão logocêntrica, que tenham aliás o cruzo como o próprio princípio (*Pambu Njila*) epistemológico, ético, estético e ontológico. Trata-se, aliás, de pensar novas ontologias, que não tenham o aniquilamento do outro como meta ou consequência, pensar outros entrecruzamentos de tempo e espaço, que alarguem, ou melhor, que *encompridem a existência*.

Mas *Corre-gira* dá ainda um *passo além*. Se, como já vimos, o desencantamento do mundo é um projeto ético-político europeu de inviabilização das diferenças, o gesto de Rafael aqui tem a figura de um compromisso ético com a transgressão das estruturas do projeto colonial que subalternizou e massacrou os saberes ancestrais. O que Rafael reúne então sob o nome de *macumba* – pedindo licença a todos aqueles que vieram antes dele e que estão na gira *com* ele – permite pensar a radicalidade do encanto como possibilidade de cruzo que reorganiza o encontro. Nessa perspectiva, a gira de Rafael nos provoca ainda a pensar outros regimes de tempo e visibilidade, que nos informam o caráter sempre político de toda gira. Provoca-nos a produzir um outro corpo, a partir da materialidade da cultura popular, *o corpo encantado das ruas*.

Corre-gira: filosofia a golpes de macumba é, de muitas maneiras, um tratado contrametodológico de reencantamento do mundo e de travessia do real. Não porque abandone o método, mas porque nos mostra outras posturas, outras pisadas possíveis *diante do* segredo, das aporias e das encruzilhadas. E esse estar *diante de* é fundamental aqui, pois nos deixa entrever – na esteira do pensamento de Derrida – uma estrutura de adiamento e promessa disso que se espectraliza. Esse "espectrar-se", que Rafael pensa "como o feitiço que nos torna mais sensíveis a certos saberes" (p. 126), é a tarefa mais urgente da filosofia e do *fazer filosofia contra o desencanto*. Porque é também aí que há "o encontro de Ogum, o dono dos caminhos, com seu irmão Exu, o dono das encruzilhadas" (p. 120). É nesse cruzo que uma metodologia macumbeira pode ser pensada. Cruzar e encruzar é, pelo encantamento das palavras, produzir novos saberes e novas perspectivas contra o carrego colonial.

E já cantando para subir, o fechamento da gira fica a cargo de Dona Helena Theodoro, que, em sua leitura da obra de Rafael, nos lembra que "no ato de cruzar ou encruzar se efetivam novos conceitos e saberes. Ao imaginar um ebó epistemológico, chegamos a uma Pedagogia das encruzilhadas que possibilita criar algo novo para a academia e que nos oferece um novo projeto: o da Filosofia Popular Brasileira, que nos permitirá usar todos os sentidos e não apenas o olhar, como nos ensinam nas universidades" (p. 142).

Corre-gira não nos fornece um novo caminho reto e objetivo em direção a uma filosofia popular brasileira. Ao contrário, nos ensina que pensar exige reconhecer o rastro do outro, firmar os pés e inventar a cada vez um novo modo de caminhar. É dessa maneira, pisando no rastro do outro sem simplesmente repetir seus passos, que o livro de Rafael encomprida os caminhos da filosofia.